

25 janeiro de 1951

Teoria e Realidade

Para um espírito lógico, que procure conhecer em suas origens o espetáculo da crise contemporânea, nada mais evidente, na base de todas as contradições deste momento, que a supremacia dos interesses econômicos. Já é um lugar comum universal afirmar-se que, para acalmar as inquietações populares em quase todos os setores da terra, bastaria ser possível melhorar o nível econômico das populações, debotar a miséria, restituir ao homem desajustado esse mínimo de dignidade sem o qual a vida acaba perdendo o seu sentido.

Sem dúvida, esses espíritos lógicos existem, mas já o simples fato de os isolarmos, colocando-os em destaque como os únicos capazes de compreensão dos fenômenos que ora assistimos, significa um inquietante sentimento de ausência na expectativa de suas manifestações. Eles existem e compreendem o mundo, mas evidentemente, não são as suas palavras que costumamos ouvir neste ambiente dramático que está tornando tão sensível para todos os homens à cega fatalidade da História. Neste instante certos chefes de Estado, certos homens que encarnam a política de seus países, fazem pensar naquelas sombras da tragédia grega que não podiam fugir à voragem do destino. Num mundo onde já se chegou a reconhecer a supremacia da inteligência, caminhamos para o desconhecido, levados apenas pelas forças dos sentimentos.

Esses sentimentos deixam suas raízes no interesse econômico. Houve tempo em que se procurou mascarar a verdade das posições e o profundo sentido das atitudes. Hoje se encontra muito enfraquecida essa necessidade que constituía afinal uma homenagem aos vagos ideais de superfície em nome dos quais pretendiam os homens dirigir o mundo. Tombaram os "tenues veus" dessa amável mentira, e os interesses fundamentais da vida adquiriram a evidência que sua força exigia.

À tranqüilidade do mundo antigo que antecedeu a primeira guerra, e cujos vestígios dificilmente ainda encontramos hoje em algum espírito extraviado, sucederam épocas de inesperada densidade dramática. Ainda entre a primeira e a segunda grande guerra, houve um intervalo ilusório durante o qual poderíamos imaginar um retorno ao fugitivo bom tempo de ontem. Mas hoje a realidade adquire aos olhos de todos os homens uma intensidade tão insuportável, que já ninguém pode fugir ao exame exato das evidências.

Comenta B.V.Damalás no seu estudo sobre a reorganização da economia mundial, o plano monetário de Keynes e a incompreensão de seu autor diante da natureza das trocas internacionais. Embora afastado do cartaz neste últimos tempos, o plano Keynes ainda oferece, em certo sentido, uma aparência de eficácia, pois teoricamente ao menos constitui um mecanismo perfeito, sempre que fosse possível contar com o equilíbrio entre as diferentes economias nacionais. Evidentemente, num sistema de trocas conduzindo ao equilíbrio, pode-se fazer face a situações temporárias por um regime de créditos toda vez que a balança do comércio apresentar um déficit neste ou naquele sentido. O sistema de compensações é coisa por demais conhecida e, em tese, funciona admiravelmente no comércio internacional.

Acontece, porém que não raro os teóricos esquecem, com uma facilidade de difícil explicação, as realidades da vida econômica do mundo. Realizam um trabalho de admirável exatidão científica, mas sobre a base de fatos que estão longe de corresponder à realidade. O *Clearing Union*, de Keynes, supõe uma economia funcionando em equilíbrio. Esquece que cada economia procura sempre exportar mais e importar menos, e que afinal de contas, o regime está baseado numa economia lucrativa e disso devem recorrer todas as conseqüências que observamos no espetáculo internacional. A atividade das empresas está naturalmente ligada à possibilidade de produzir com lucro. E os países altamente industrializados, pelo jogo natural da vida econômica, devem exportar o mais possível, mantendo o alto nível interno pelos lucros conseguidos. Não é outra a posição dos Estados Unidos, cujo superávit na balança comercial não corre absolutamente por culpa de seu governo ou de suas instituições.

Diante disso, muitas vezes economistas que não se satisfazem com uma análise superficial dos fenômenos, têm indagado como poderá a Europa pagar no futuro os créditos avançados pelo Plano Marshall, uma vez que para tanto seria

necessário que os Estados Unidos passassem a comprar mais e vender menos. Ora, semelhante reviravolta equivaleria a obrigar cada cidadão ianque a gastar mais do que habitualmente faz o que não seria possível; e a baixar as fronteiras aduaneiras a um nível propício as indústrias europeias. Imagine-se a calamidade que isso representaria para a produção americana!

A base da atividade econômica, é a prestação recíproca de bens e de serviços. O espírito mercantil, entretanto, nos conduziu a situação presente, de exclusiva luta em busca do lucro, o qual por sua vez em grande parte é utilizado para desenvolver ainda mais a produção, num contínuo autofinanciamento. E nessas condições de desequilíbrio econômico é uma consequência fatal. Tanto mais que relativamente, o consumo diminui de maneira lenta mas segura, ao passo que a produção aumenta. Daí a capacidade aquisitiva de vastas áreas do mundo. Maneira teoricamente fácil, de protelar a necessidade de aumentar uma crise provocada pela saturação dos mercados, mas apenas protelar.

O Conselho Econômico e Social da ONU, definiu sua política de cooperação econômica em três pontos: reerguimento dos níveis de vida, plano emprego, condições de progresso e de desenvolvimento na ordem econômica e social; solução dos problemas internacionais nos domínios econômicos, sociais, de saúde pública e outros conexos, cooperação internacional dos domínios da cultura e da educação; respeito universal efetivo dos direitos do homem e das liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, de sexo, de língua ou de religião.

Como em outras oportunidades, vemos hoje sobre o papel fixados os mesmos desígnios de sempre, por um mundo melhor onde o controle exercido pela inteligência segura de seus conhecimentos, senhora de uma técnica nova, possa modificar nossas condições de vida e assegurar um equilíbrio permanente à economia dos povos. Aceitamos certamente, as proposições renovadas, durante muito tempo mesmo, participamos da ilusão que se possa realizar a totalidade dos planos.

Como se acreditássemos na estatística de um mundo que de agora em diante perfective(), não atentamos para a realidade mais profunda que se acu() ta nos interesses humanos e que constitui a força única capaz de mover as montanhas das nossas dificuldades. Esquecemos que a finalidade do esforço econômico, na dinâmica do mundo atual, tenderá sempre para o desequilíbrio,

T0755 (4)
RECLI 0365
SIST. 59358

verdade cuja presença em cada espírito, mais acentua o sentimento de que a História é inumana e que nós nada mais somos diante de sua grandeza que o material com que ela constrói no tempo, através de todas as contradições.